



## O AMOR DE DEUS, A LITURGIA E O MUNDO ATUAL

(The love of God, the liturgy and the world today)

**Rafael Ferreira da Silva**

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

### RESUMO

Uma palavra universal, existente desde a primeira forma de conscientização do homem, amor. Palavra que poeticamente, se disser que é tão antiga quanto se faz nova. A grande questão abordada sobre o amor, é se sua essência como expressão do que é, nas relações humanas e na relação com a vida, ainda possui o seu conceito original ou se perdeu ao longo dos anos? O amor de Deus não muda e perpassa a história., mesmo que no período presente, a palavra amor se perde num chamado modo de viver líquido. Assim, verificará que o amor não está em crise, o Amor de Deus não é o problema, mas como relacionar um amor sólido e permanente, numa sociedade líquida e inconstante? São esses os questionamentos que este artigo deseja enfrentar.

**Palavras-chave:** Amor; Vida líquida; Deus é amor; Misericórdia.

### ABSTRACT

An universal word, existing since the first form of consciousness of man, love. Word that poetically, to say that it is as old as it is new. The great question about love is whether its essence as an expression of what it is in human relations and in relation to life still has its original concept or has been lost over the years? The love of God does not change and pervades history, even though in the present period the word love is lost in a so-called liquid way of life. Thus, you will see that love is not in crisis, God's Love is not the problem, but how to relate a solid and permanent love in a liquid and unstable society? These are the questions that this article wishes to confront.

**Keywords:** Love; Liquid life; God is love; Mercy

## INTRODUÇÃO

*Amor*, palavra de conotação tão elevada e ao mesmo tempo tão mal empregada e desgastada. Uns a equiparam a sexualidade, uma paixão romântica, como cantam os sucessos musicais. “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã” diz a letra da canção popular. Adotam-se belas formulações de como se deve estar sempre repleto de amor. Constrói-se o imaginário de que tudo seria ou ficaria diferente. Ou então se alega uma exigência de que é preciso amar sem cometer alguma agressão. Abre-se a promessa de felicidade que parece irresistível, como um ‘arquétipo’ por excelência.

Amor à pátria, à profissão, ao trabalho, amor entre amigos, entre pais e filhos, entre irmãos e familiares, amor ao outro e amor a Deus podem indicar realidades diferentes, mas que se encontram no ideal comum, como afirma Bento XVI (DCE 2). É preciso, portanto, recordar o



vasto campo semântico da palavra *amor* para sua melhor compreensão. Limpar seu conceito de falsas imagens, evitando-se esvaziá-lo e mesmo transformá-lo em fórmula vazia. É preciso limpar seu abuso.

A noção cristã de *amor* pode soar estranha para o homem de hoje, preocupado com muitas coisas e não tanto em aprofundar tal tipo de compreensão. Todavia, se para o senso comum a palavra *amor* tem um uso no ordinário da vida, uma concepção ditada pela sociedade e que interfere em seu modo de pensar, isso não significa que não se possa tentar alcançar uma outra compreensão do termo. Talvez esta incompreensão seja a própria causa do desinteresse pelo tema.

Há alguns fenômenos que caracterizam o homem moderno e que o levam a afastar-se da reta compreensão da noção cristã de *amor*. No mundo atual, o materialismo prático se impõe, assumindo configurações diferentes como, por exemplo, o consumismo econômico e sexual.<sup>1</sup> Consumo é uma metáfora que alude à rapidez com que se adquirem novos objetos e se inutilizam os velhos: “os objetos precisam ser permanentemente substituídos, para que o hábito não enfraqueça a intensidade do estímulo e elimine o gozo.”<sup>2</sup>

O indivíduo se deixa seduzir pelo consumismo porque encontra na posse dos objetos um meio de realização pessoal. Tal aspiração à realização é o motivo do anseio pelos objetos de consumo, que pode levar à procura no “ter” daquilo que não se consegue no “ser”.

Há um mal estar dominante e a atmosfera niilista<sup>3</sup> dos tempos atuais muito contribui para seu principal efeito, denominado genericamente por desesperança.

Assim se impõe a pergunta: “do que vive o ser humano”? Colocada de outra forma, “qual é o sentido da vida”? São perguntas cujo caráter metafísico e espiritual é inegável.

Hoje, tal questão se apresenta de modo agudo. Sua causa pode se encontrar no de valores impressionante no mundo moderno. Um dos maiores alarmes que se fazem ressoar na sociedade atual concerne à “crise de valores”.<sup>4</sup> Como sentido e valor costumam andar juntos, o que está então atrás da crise de valores é a vida e seu sentido.

A partir dessas premissas, o presente artigo trará as características do homem moderno e pós-moderno, segundo, sobretudo a linha de reflexão e análise de Zygmunt Bauman, e as relacionará à compreensão do *amor de Deus*. Em seguida, esta expressão será analisada no contexto das Sagradas Escrituras, bem como em autores do Magistério Eclesial, que a elucidam e aplicam na atualidade. Ao final, a partir de uma perspectiva antropológica e celebrativa, apontaremos a ligação entre o tema, sua abordagem atual e a importância de uma atuação litúrgica, que concretize os ensinamentos das Escrituras para a melhoria das relações intra e interpessoais do homem moderno bem como de todas as épocas.

<sup>1</sup> DOURLEY, John P. *A doença que somos nós*. A crítica de Jung ao cristianismo. São Paulo: Paulus, 2007, p. 7.

<sup>2</sup> COSTA, Jurandir Freire. A moral do prazer e o imaginário “consumista” contemporâneos. *Vida Pastoral*. São Paulo, n. 290, p. 27, 2013.

<sup>3</sup> Niilismo é um termo empregado na cultura ocidental na acepção de “crise de sentido”. Em geral, designa concretamente a falta de sentido da vida: a existência seria absurda. Outras expressões podem ser acrescentadas: desencantamento do mundo, desamparo existencial, relativismo, ceticismo, era do vazio, queda das utopias, vida sem paixão, etc. Cf. BOFF, Clodovis. *O livro do sentido*. Volume 1. Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014, p. 67.

<sup>4</sup> Cf. LÓPEZ, J. G. , *Crisis de valores*. apud BOFF, Clodovis. *O livro do sentido*. Volume I. Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014, p. 17.



## 1. O AMOR E O CONTEXTO ATUAL PÓS-MODERNO

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, nascido em 1925, analisou as características do homem moderno e pós-moderno, sendo conhecido internacionalmente como um “observador especialmente perspicaz quanto às tendências e forças fundamentais da atualidade pelo fato de tê-las vivenciado de maneira radical.”<sup>5</sup>

Na virada do milênio, Bauman começa a cunhar o termo *líquido* para melhor distinguir a modernidade da pós-modernidade, como ele define nos seguintes termos:

Se a modernidade se ocupou em ‘desencaixar’ os indivíduos dos ambientes que os hospedavam, ela o fez a fim de ‘re-encaixá-los’ de modo mais seguro que antes, para criar ‘estruturas’ construídas de acordo com um plano [...] A pós-modernidade (a modernidade em fase ‘líquida’) é a era do desencaixe sem o reencaixe [...] A era pós-moderna (ou, como prefiro dizer agora, ‘líquido-moderna’) se divide em episódios que não se apresentam numa ordem com o mínimo de consistência.<sup>6</sup>

A modernidade é vista como sendo *sólida*, em contraposição à pós-modernidade vista como *líquida*. Bauman relata que

na ‘modernidade sólida’, tendente a produzir leitos sólidos, inquebráveis, para que os ‘desencaixados’ se ‘reencaixassem’, a rota imperial para o sucesso era conformar-se, ajustar-se a um leito pré-fabricado. Na ‘modernidade líquida’ o segredo do sucesso é não ser tediosamente conservador, evitar habituar-se a um leito específico, ser móvel e estar sempre à mão.<sup>7</sup>

Assim, *líquido/liquidez* é a metáfora que este autor utiliza para designar as características da atualidade. Desse termo – *líquido/liquidez* - Bauman escreve e desenvolve a ideia em muitas outras obras como *Vida Líquida* (2005), *Medo Líquido* (2006), *Tempos Líquidos* (2006), *Amor Líquido* (2009), dentre outras. Na obra *Vida Líquida*, ao tratar do homem nesse ambiente pós-moderno, Bauman coloca a instabilidade como característica daquilo que ele classifica como sendo a *vida líquida* do homem atual, conforme suas palavras:

‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. [...] Em suma: a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante.<sup>8</sup>

Inseridos neste contexto de vida líquida, estão os relacionamentos humanos, que segundo Bauman, são “bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. [...] No líquido cenário da vida moderna, os

<sup>5</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Bauman sobre Bauman: Diálogos com Keith Tester*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 10.

<sup>6</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Bauman sobre Bauman: Diálogos com Keith Tester*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 102-103.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 104.

<sup>8</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 7-8.



relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência”.<sup>9</sup> Encontram-se no cerne das atenções, no topo das agendas existenciais, são o assunto mais ”quente” e, aparentemente o único jogo que vale a pena, apesar dos riscos implícitos.

Ocorre que eles são predominantemente virtuais: podem ser conectados ou desconectados na rede<sup>10</sup>, e apresentam características diversas da linguagem dos relacionamentos reais. Enquanto estes soam como compromisso e, muitas vezes de longo prazo, aqueles podem surgir e desaparecer numa velocidade compatível com o tempo atual, onde “sempre se pode apertar a tecla de deletar” a qualquer momento. As conexões são estabelecidas e cortadas por escolha pessoal. Acontece que elas “são rochas em meio a areia movediça”<sup>11</sup>, já que “a proximidade não exige mais a contiguidade física; e a contiguidade física não determina mais a proximidade”.<sup>12</sup> Tal modelo se estabelecerá como padrão para todas as outras proximidades.<sup>13</sup>

A realização mais importante desta proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. “Estar conectado” é menos custoso do que “estar engajado”, mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos, vai dizer Bauman, na obra *Amor Líquido*.<sup>14</sup>

A questão do consumismo na análise do sociólogo é outra questão a pensar:

O maior e provavelmente mais fundamental sucesso da ofensiva de mercado até agora tem sido o gradual mas persistente esfacelamento das habilidades de sociabilidade [...] (que é) reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los [...] pelo volume de prazer que provavelmente oferecem. [...] os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo, parceiros nas alegrias do consumo [...]. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares [...] estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor.<sup>15</sup>

Amor líquido é a visão do sociólogo acerca dos relacionamentos atuais, e traduz a fragilidade com que os laços humanos estão sendo estabelecidos em uma condição conflitante de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos.

<sup>9</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 8.

<sup>10</sup> Uma rede (de computadores) é formada por um conjunto de módulos processadores capazes de trocar informações e partilhar recursos, interligados por um subsistema de comunicação. É quando há pelo menos dois ou mais computadores e outros dispositivos interligados entre si de modo a poderem compartilhar recursos físicos e lógicos: dados, impressoras, mensagens, entre outros. A Internet é um amplo sistema de comunicação que conecta muitas redes de computadores de várias formas com recursos de vários equipamentos que podem ser interligados e compartilhados com o objetivo de permitir a troca de dados entre computadores. A palavra, originariamente do mundo técnico da Informática, passou ao mundo da comunicação.

<sup>11</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 79.

<sup>12</sup> Contiguidade no sentido de proximidade ou convivência; vizinhança. BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 81.

<sup>13</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 82.

<sup>14</sup> Idem

<sup>15</sup> Ibidem, p. 96.



Acontece que mesmo inserido em um contexto bastante inóspito para o florescimento e o desenvolvimento das relações humanas - o campo do amor por excelência -, o ser humano continua o mesmo e traz em de si o desejo de amor. É sabido que a experiência de amar e de ser amado dá direção, sentido à vida. É o anseio mais profundo de todo homem e toda mulher. Sem amor a vida fica fria e vazia, fica insuportável.

Thomas Mann, em sua clássica obra *Doutor Fausto*, apresenta um personagem cujo pacto com o diabo – pelo sucesso - o aprisiona a uma existência fria, na impossibilidade de amar. Isso o levou a perder sua alma e esfriar o coração. É a questão atual colocada de outra maneira.

O amor faz a existência humana valer a pena. Muitos podem concordar com a citação: “sou amado, logo existo”. No amor reside o desejo de ser único e pleno, de encontrar um sentido na vida. A experiência da dignidade própria está associada à experiência de amor que leve em conta a singularidade pessoal, na qual se pode ser autêntico e descobrir capacidades e possibilidades.<sup>16</sup> É quando a pessoa é recriada.

Pode-se afirmar que o amor não é apenas um sentimento entre as pessoas:

O amor é primariamente um sentimento de mim, pelo qual sou tomado, que irrompe em mim; mas ao mesmo tempo ele sempre procura um vínculo com um tu, seja um amante, uma coisa, a natureza, Deus. Considero o amor o sentimento que se deleita em unir o separado, sabendo, no entanto que devemos, em última análise, permanecer indivíduos.<sup>17</sup>

O escritor russo Dostoievski descreve em seu romance *Os irmãos Karamazov* uma personagem verdadeiramente amorosa, que irradia um amor puro e que descobre em tudo o mistério de Deus. Para ele o mistério da vida humana está nessa capacidade de um amor puro, já que abrange tudo. Para o escritor russo, o inferno consiste na “dor de não mais poder amar.”<sup>18</sup> É a literatura traduzindo o ordinário da vida.

Pode-se afirmar que o amor é uma das forças mais intensas no ser humano, pelo menos uma força que não pode ser ignorada. Nas experiências de amor – bem sucedidas ou frustradas – o anseio é o verdadeiro amor, que não fere nem destrói, mas vivifica e constrói que não controla nem estreita, mas liberta e abre um espaço de vida. Em última análise, o verdadeiro anseio do ser humano é ser amado incondicionalmente em tudo que é. E ninguém consegue isso plenamente, pois o amor incondicional e absoluto é uma característica de Deus. Tudo o que o homem realiza é dependente de condições e relativo. Nesse sentido, Thomas Merton nos auxilia: “Por sermos apenas criaturas frágeis, que vivem na terra e no tempo, nosso amor é dilacerado pela autocontradição. Ele se nega a si mesmo. Apenas o amor de Deus é totalmente puro”.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> GRÜN, Anselm. *Morar na casa do Amor*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 15.

<sup>17</sup> KAST, Verena. *Paare*. Apud GRÜN, Anselm. *Morar na casa do Amor*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 18.

<sup>18</sup> DOSTOIEVSKI, F. M. *Die Brüder Karamasow*. Apud GRÜN, Anselm. *Morar na casa do Amor*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 19.

<sup>19</sup> MERTON, Thomas. *Gütersloh*. apud GRÜN, Anselm. *Morar na casa do Amor*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 33.



## 2. O AMOR DE DEUS NAS SAGRADAS ESCRITURAS E NO MAGISTÉRIO ECLESIAL

"Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. (Jo 3,16)" É com esta emblemática afirmação do evangelista João que buscamos entender o que as Sagradas Escrituras expressam sobre o Amor de Deus.

A palavra amor está presente na expressão bíblica de Gênesis ao Apocalipse. É importante ter clareza sobre essa expressão, que como já vimos tem sofrido deturpações ao longo do tempo, afastando assim o termo da sua expressão original. Quando trabalhamos no cristianismo o amor, devemos entender que estamos a falar da essência da fé cristã, pois "Deus é Amor" (1Jo 1,8). E como entender a dinâmica do Amor, quando se olha para a história de um Deus que assume a fragilidade humana e padece dolorosamente num madeiro da cruz? Antes é necessário refletir o amor de Deus desde o Antigo Testamento, para já fugir da possibilidade de imaginar dois conceitos distintos sobre o Amor, ora uma interpretação para o Antigo Testamento, ora outra para o Novo Testamento.

Em passagens do AT, a expressão 'amor de Deus' significa a relação não geral, mas precisamente especial de Deus com o seu povo de Israel, isso em larga escala restrito aos escritos proféticos. Porque Deus ama Israel, ele o elegeu (cf. Dt 4, 37; 7,7s.; 13;10,15), permanece-lhe fiel mesmo no caso de toda infidelidade (cf. Os 1-3; 2,2.20.23ss; 3,1ss. 6-13) com 'amor fraterno' (cf. Jr 31,3), volta-se para ele como pai (cf. Jr 31,9.20; Os 11) e como mãe (cf. Is 49,14s) e por isso o salvará (cf. Is 41,8ss; 43,1-4; 44,1s; 54,5ss; 60,10; 63,7ss).<sup>20</sup>

Seria um erro grave, imaginar que o Amor de Deus por Israel, pelo seu povo, fosse algo expresso somente no Novo Testamento, erro que manifestaria mais uma ignorância sobre o texto sagrado.

O Antigo Testamento utiliza o termo hebraico '*ahab*' para expressar o contexto do amor de Deus. A relação de amor deve ser sempre uma relação de reciprocidade: Deus ama Israel e Israel corresponde a este amor, amando a Deus de todo o coração e com todas as suas forças (cf. Dt 6,5).

"Deuteronômio é o primeiro livro do Antigo Testamento a incorporar a ideia do amor de forma sistemática em seu pensamento, e continua sendo o livro do Antigo Testamento em que a concepção possui o lugar mais amplo. Contrastando com Oséias e com outros profetas que abordam a ideia, o conceito de amor no Deuteronômio apresenta-se frio e sem paixão. O amor de Iahweh por Israel é uma continuação do seu amor aos patriarcas (Dt 4,37; 7,8;10,15)."<sup>21</sup>

São Tomás de Aquino na Suma Teológica, ao abordar a Trindade e as suas relações entre si e per si, fala constantemente sobre o Amor de Deus. O agir de Deus é uma ação de Amor, não se pode imaginar algo diferente:

"É necessário afirmar que o amor existe em Deus. Com efeito, o primeiro movimento da vontade ou de qualquer faculdade apetitiva é o amor. Pois o ato da vontade, ou de qualquer faculdade apetitiva, se inclina como a seu

<sup>20</sup>MCKENZIE, John L. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2005, p.4.

<sup>21</sup>MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 34.



próprio objeto para o bem e para o mal. Mas o bem é principalmente e por si mesmo o objeto da vontade e do apetite".<sup>22</sup>

É importante notar a ação do amor de Deus sempre presente na sua relação com o homem. Deus não faz nada além de amar, já que essa é a sua definição por excelência e para o homem livre, o seu agir é sempre resposta de amor ao amor de Deus. Assim, o primeiro mandamento é cumprido no amor, Israel tem que amar com todo o seu coração, com todo o seu ser e com toda a sua força. Não se separa o Amor da Lei.

No Novo Testamento, a expressão em grego encontra as variantes *eros*, *philia* e *agape* e seus cognatos para designar o amor. É a partir das distinções presentes nesta palavra que no futuro a crise de sentido se manifestará. "*Eros* significa a paixão de desejo sexual e não aparece no Novo Testamento".<sup>23</sup>

A experiência do amor de Deus manifestada no Novo Testamento não pode ser separada do amor ao próximo (1Jo 4,20). Assim, a expressão da caridade se tornará a forma perfeita de amar (1Cor 13,13). O cumprimento da lei é o amor dedicado a Deus e ao próximo: é assim que se percebe a consonância entre o Antigo e o Novo Testamento. Amar a Deus e ao próximo não é uma relação de consequência, mas uma relação de igual para igual: ama o próximo quem ama a Deus e quem ama a Deus ama o próximo.

"Em Lucas 7,36-50, Jesus apresenta o crescimento no amor de Deus como o resultado da gratidão pelo perdão dos pecados, o que implica no fato de que o autêntico amor a Deus só pode surgir do reconhecimento do próprio pecado, e de que a auto justiça, semelhante à dos fariseus, é incompatível com o amor. Lc 7,47 constitui uma oração condensada no grego, cuja tradução em diversas línguas foge à verdadeira exatidão do texto. Dentro deste contexto, a expressão significa: 'Seus numerosos pecados lhe são perdoados, porque ela demonstrou muito amor', isto é, seu extraordinário grau de amor evidencia o quanto está ela consciente do grande perdão que recebeu. Quem não tem esta consciência bem viva não pode demonstrar o amor".<sup>24</sup>

Dentre os sinóticos, Lucas se destaca como o evangelista mais humano, que trabalha a perspectiva da misericórdia, sempre confrontando o homem pecador. O homem no pecado é surpreendido pelo amor de Deus.

É visível que o amor de Deus, presente em todo o Novo Testamento, é o reconhecimento de que, na condição de pecador, o homem não consegue fazer nada, a não ser se entregar à misericórdia de Deus. Temos com isso a clareza de que a fé é uma resposta de amor à constante iniciativa de Deus de se relacionar com o homem. Na entrega do homem à Deus, ele se liberta da escravidão do pecado. Entendendo assim que quem mais ama, sempre terá a grande experiência de ser amado, de ser liberto do pecado.

Essa experiência fica visível no questionamento de Jesus ressuscitado à Pedro. Se Pedro o Ama. Nas traduções, essa passagem corre o risco de ser empobrecida, quando os termos não são tão claros como o são no grego. Jesus questiona o amor de Pedro, não meramente perguntando se ele o ama, mas se o ama expressando as dimensões do *ágape* e o *philia*. E sim,

<sup>22</sup> Tomás de Aquino. *Suma Teológica* I, q.50, p.420.

<sup>23</sup> MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 35.

<sup>24</sup> MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 36.



a resposta de Pedro diz que ele o ama num amor ágape e philia. Temos assim as tradições ou correntes paulinas e joaninas, que falam constantemente sobre o amor philia e agape respectivamente.

A Igreja dará continuidade à compreensão do amor de Deus, testemunhado nas Sagradas Escrituras. Precisar-se-á testemunhar este amor, combater os hereges e expulsar os ventos polêmicos que colocavam em xeque a existência de um Deus que ama. Os padres gregos mostrarão a existência do cristianismo na perspectiva do amor, sem ele, não teria necessidade a fé. Não será diferente com Agostinho e a Escolástica. Já nesses últimos a discussão sobre a graça e a sua atuação na vida do fiel é o debate apresentado.

"Com Agostinho, o tema do 'amor' atinge novo patamar, rico de consequências históricas, porque, em polêmica com Pelágio (e já antes), entende a 'graça' como 'contrapeso' (*pondus*), interno contra o pecado. A 'graça' precisa, em consequência, identificar-se formalmente com o amor para com Deus, porque o pecado é busca de si mesmo, amor próprio enquanto precisamente contrário à ágape testemunhada na Bíblia".<sup>25</sup>

O tema do amor sempre foi amplamente discutido. Durante o período da reforma protestante, sofreu novas interpretações que ecoam até hoje. Tais mudanças passaram a distinguir as religiões sobre a concepção do Amor de Deus e a manifestação da sua graça.

Com o Concílio Vaticano II, o Amor de Deus foi novamente trabalhado, agora na sua perspectiva pastoral, que manifesta a presença do Espírito Santo a conduzir a sua Igreja, em que todos os pecadores, mergulhados no Amor de Deus, podem se libertar da escravidão do pecado e tornarem-se livres na dinâmica da profunda experiência com Deus, que é Amor.

### 3. O AMOR DE DEUS E A SAGRADA LITURGIA

Uma das dimensões fundamentais e mais evidentes do ser humano é a vida. Algo fundamental e essencial para que ela se desenvolva e se mantenha é a qualificada alimentação cotidiana. O alimento é a fonte de vida, de força: possibilita a sobrevivência impulsionando-a. O ser humano assimila os alimentos - parte do cosmos, da natureza -, digere-os e os converte em parte de si mesmo.<sup>26</sup> A busca de se nutrir, renovar as energias e tomar novo impulso para a vida é essencial na condição humana.

A alimentação e a comensalidade são elementos fundamentais para a vida. Comer compartilhando do mesmo alimento e da mesma mesa, em companhia de outras pessoas, é um dos momentos mais expressivos das relações humanas. Enquanto o alimento é força para o corpo, a comensalidade e a partilha nutrem o espírito e alimentam a necessidade que todos temos de estar juntos, expressando a alegria de conviver.

Assim sendo, a refeição à mesa carrega muito mais do que a necessidade de subsistência. A cada refeição, nos reunimos em torno de uma mesa comum onde é possível a partilha de vida, de histórias e de vivências humanas. É possível fazer memória de nossa história, de nossa herança, de nossos antepassados, atualizando no presente seus feitos e ditos passados. É possível recontar no presente o passado de nossa história.

<sup>25</sup> MCKENZIE, John L. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2005, p.4.

<sup>26</sup> ALDAZÁBAL, J. A *Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 41.



A refeição é uma pequena festa cotidiana, pois é o momento em que se junta à alegria de comer e beber bem à volta da mesma mesa a alegria do encontro.<sup>27</sup> É uma realidade humana cujo laço de amor tem suas origens nas primeiras refeições da criança com sua mãe. Além disso, o ser humano não come como os animais, cada um no seu canto. A amizade e o amor vêm humanizar esta realidade material.

Para o oriental, a refeição tomada em comum tem um significado ainda mais profundo.<sup>28</sup> Ela significa algo mais do que uma simples reunião de amigos: convidar alguém para a própria mesa é sinal de paz, de confiança, de fraternidade, de perdão.<sup>29</sup> Narrações bíblicas bem expressam tal consideração atribuída à refeição: a aliança entre Abimelec e Isaac (cf. Gn 26,30s), o contrato entre Labão e seu sobrinho Jacó (cf. Gn 31,54), a anistia ao último rei de Judá, Joaquim, concedida pelo rei da Babilônia, são fatos marcados pelo comer e beber em comum.

A partir da vida cotidiana, “ordinária” e de sua mesmice rotineira, surge a festa, um elemento de ruptura, um aspecto de exceção que a distingue na sucessão dos dias.<sup>30</sup> O ordinário constitui aquilo que é organizado segundo certa ordem habitual, certa sequência ordenada de fatos e ações. O momento da festa quebra tal ordem habitual com um alcance afetivo e psíquico considerável. Há um momento de libertação das tensões, como a exorcizar e acalmar angústias e temores, expressar esperanças e para que transformações sejam feitas a fim de retornar ao ordinário do cotidiano da vida com a lembrança da festa passada e a expectativa da festa que está por vir.

O coração humano é maior do que os limites do cotidiano. Tem sede de uma felicidade que parece inacessível na terra. Tem o gosto do infinito, do universal, do eterno, de qualquer coisa que dê sentido à vida humana e ao cotidiano fastidioso. A festa é como um sinal desse além, que é o céu. É o símbolo daquilo a que a humanidade aspira: uma experiência de comunhão.<sup>31</sup> Todas as civilizações humanas instituíram festas que perpassam o tempo.<sup>32</sup>

Há uma dimensão extraordinária na festa coletiva que pode ser denominada utópica, se “utopia” for designada pelo fato de alguém se situar, pelo menos por poucos momentos, em um lugar totalmente diferente daquele em que se encontra em sua situação comum. Há um distanciamento em relação aos códigos e ritos que regem o sistema de relações e comunicações no grupo habitual, e, assim, surge um espaço transitório de liberdade. É este o significado bastante real da festa<sup>33</sup>: é permissível a expansão das verdadeiras aspirações pessoais e coletivas, e assim, é possível reconstituir-se e reformular novamente a identidade primeira. O peso do cotidiano é, de repente, tirado e os corações saltam de alegria.

A festa exprime e torna presente, de modo palpável, a finalidade da vida comunitária e, como tal, estimula a esperança e dá nova força para retomar com mais vigor a vida cotidiana.<sup>34</sup> É um momento de celebração com música, dança, cantos, frutos e flores da terra, oração, ação

<sup>27</sup> VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 280.

<sup>28</sup> JEREMIAS, J. *Isto é o meu corpo*. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 7.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>30</sup> *Festas e celebrações cristãs*, São Paulo: Paulinas, 1981, p. 13.

<sup>31</sup> VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 274.

<sup>32</sup> DAHLER, E. *Festas e Símbolos*. Aparecida: Santuário, 1999, p. 5.

<sup>33</sup> *Festas e celebrações cristãs*, p. 28.

<sup>34</sup> VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 274.



de graças e também, boa comida. A refeição de festa é importante, sendo um dos elementos de agregação, comunhão e partilha.

A refeição e a festa acabam finalmente por adquirir uma dimensão metafísica e um valor religioso.<sup>35</sup> É assim que a história de amor entre Deus e os homens (os Patriarcas), depois entre Deus e um povo (Israel), e por fim, entre Deus e uma multidão de nações, é marcada por acontecimentos importantes que se tornaram objeto de narrativas transmitidas de geração em geração e são hoje um patrimônio para toda a humanidade. Conservadas na memória coletiva, deram origem a celebrações especiais, cuja origem é anterior ao acontecimento festejado e encontra sua raiz em tradições agrárias ancestrais.<sup>36</sup>

A festa bíblica, porém, não se limita jamais a evocar a lembrança de um fato passado. Ela manifesta sempre a reatualização do dom que é anterior ao fato; é uma forma nova de beneficiar-se de uma graça fundamental e vital para todo o povo de Deus. Por exemplo, a ceia da páscoa é para os judeus sinal e celebração da salvação operada por Deus; ela se converteu no ponto máximo de referência para a teologia e espiritualidade judaicas, apresentando um resumo de sua fé e de seu culto. Quando um judeu celebra a Páscoa, ele tem consciência de viver aqui e agora uma libertação de fato.<sup>37</sup>

Prolongando as festas judaicas, a liturgia cristã as vivenciou desde as origens como tempos extraordinários, permitindo a renovação de uma graça inicial. “Com essas festas, o povo de Israel e depois dele a Igreja conservaram suas riquezas, forjaram sua identidade e exprimiram sua fé, sempre voltando às raízes de suas revelações e à fonte de sua vida espiritual”.<sup>38</sup> Assim, as festas da revelação judaico-cristã constituem um elemento essencial do contexto onde os personagens bíblicos evoluem e são colunas da vida litúrgica e espiritual daqueles que nos precederam na fé.

É este o pano de fundo para a liturgia cristã, momento privilegiado de celebração da vida, do amor de Deus, dos dons recebidos e das pessoas entre si. Celebrar é uma atividade humana, lúdica, gratuita, não utilitária onde é possível se manifestar e expressar sentidos mais profundos, sentimentos mais escondidos, conteúdos indizíveis como a aspiração eterna e a felicidade almejada, conforme apresentado anteriormente. O tempo e o comportamento são medidos de forma especial.<sup>39</sup>

Celebrar, ainda, é participar, entrar em comunhão de forma nova com um grupo, já que não se celebra solitariamente, mas colocando em comum o objeto e a alegria da celebração. Esta é a especificidade e a riqueza da celebração cristã: algo de ‘extraordinário’ que remete à história divino-humana da Salvação. Por meio de símbolos, gestos e ritos, a celebração cristã é a expressão simbólica da presença de Deus na história humana, dando-lhe um sentido. É também um convite para a comunhão com esse mesmo Deus e com as demais pessoas reunidas, que assim realizam a Igreja, prolongamento histórico de Deus no mundo.

<sup>35</sup> SILVA, M. C. “A Espiritualidade da Mesa, da Refeição e da Festa. Uma realidade humana latente à Eucaristia”, *Convergência* 373 (2004) pp. 306-320.

<sup>36</sup> DAHLER, E. *Festas e Símbolos*, p. 6. Como o sacrifício do cordeiro da primavera para a festa da Páscoa, a oferta das primícias para a festa de Pentecostes e a festa do fim das colheitas para a festa das Tendras.

<sup>37</sup> DAHLER, E. *Festas e Símbolos*, p. 6.

<sup>38</sup> DAHLER, E. *Festas e Símbolos*, p. 6.

<sup>39</sup> BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver*. Liturgia e sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009, p. 112.



O ponto máximo da liturgia cristã é o mistério pascal de Cristo. Ao longo de toda sua vida, mas de forma especial no mistério de sua Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão, Jesus Cristo revela-nos o amor e a misericórdia do Pai. Este acontecimento é o motivo da alegria e da força da liturgia, de toda celebração litúrgica: o mistério pascal de Cristo é eterno, supera os limites de tempo e espaço – é para todos, é para sempre – “se mantém permanentemente presente [...] permanece e atrai tudo para a vida”<sup>40</sup>. Todos podem participar e ser associados à sua dinâmica salvadora.<sup>41</sup>

Esta é a chave para a compreensão do rito religioso cristão (assim como no judaico): seu caráter é *memorial, comemorativo*. A ação simbólica - por meio de gestos, palavras, objetos, pessoas, repetições -, oferece uma relação com a realidade - divina e humana - de uma forma muito mais profunda do que qualquer outro modo e atende à capacidade simbólica humana de interpretar o mundo em que vive. O simbolismo religioso é a expressão mais íntima da necessidade de a pessoa humana ultrapassar os limites do próprio eu e abrir-se a novas experiências que dificilmente podem ser sistematizadas em nível racional.<sup>42</sup>

Nesse sentido, Augé vai afirmar que

a tensão dialética entre natural e sobrenatural, entre história e escatologia, entre imanência e transcendência encontra no simbolismo a possibilidade de sair de uma contradição fundamentalmente de concorrência para evoluir rumo a uma situação de efetiva e recíproca afirmação.<sup>43</sup>

É o que a liturgia vai expressar, já que ela é por si só uma celebração na qual prevalece a linguagem dos símbolos o que a torna mais intuitiva, afetiva, mais poética e gratuita. É uma ação, que por meio de um conjunto de sinais “performativos”, introduz na comunhão com o mistério, que faz experimentá-lo, mais do que entendê-lo. A linguagem simbólica permite entrar em contato com o inacessível: o mistério de Deus, a presença de Cristo e a ação do Espírito Santo.<sup>44</sup>

É assim que na liturgia se apresenta a graça de Deus associada à necessidade humana de celebrar para viver. Deus, que se dá gratuitamente, é sublime e desconcertante para todo homem: seu amor ultrapassa todo o entendimento possível. As coisas importantes da vida são celebradas ritualmente, como o aniversário de nascimento, a passagem de Ano Novo. É nesse sentido que se pode afirmar que o sacrifício de toda a vida, todas as ações humanas – a liturgia existencial -, tudo é recolhido e concentrado nas liturgias privilegiadas da Igreja.<sup>45</sup>

## CONCLUSÃO

A mentalidade moderna racionalista e utilitarista, técnica e pragmática suscitou nos últimos tempos uma forte crítica aos ritos e dogmas religiosos como se estes fossem um elemento supérfluo, alienante e até mesmo suspeito para a realização humana. Em paralelo, nunca como

<sup>40</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 1085.

<sup>41</sup> BOROBIÓ, Dionisio. *Celebrar para viver*. Liturgia e sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009, p. 114.

<sup>42</sup> AUGÉ, Matias. *Liturgia - História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria. 2007, p. 100.

<sup>43</sup> AUGÉ, Matias. *Liturgia - História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria. 2007, p. 101.

<sup>44</sup> ALDAZÁBAL, José. *Gestos e Símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 14.

<sup>45</sup> BOROBIÓ, Dionisio. *Celebrar para viver*. Liturgia e sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009, p. 114.



hoje o homem se sente inclinado a reivindicar seu direito a ritos e celebrações, a encontros gratuitos e prazerosos, a símbolos por meio dos quais possa expressar o mais profundo de seu ser, sem o reducionismo que o comportamento funcionalista ou técnico impõe.<sup>46</sup>

“O ser humano precisa celebrar para viver”.<sup>47</sup> Tal necessidade antropológica é experimentada em momentos críticos, em situações decisivas da vida, já que “as coisas importantes da vida se celebram ritualmente”.<sup>48</sup> Na vida cotidiana, o homem recorre a ritos, cuja ação programada e repetitiva, na dimensão estável e controlada acompanha e favorece a comunhão interpessoal, uma integração mais profunda, entre todos e com outros grupos humanos e com a totalidade da realidade que se sobrepõe a todos e que jamais se consegue dominar por completo. “Trata-se de uma forma de socialização com o sagrado ou o transcendente”.<sup>49</sup> É por essa razão que se pode afirmar que o fenômeno ritual abrange o universo inteiro e que o “simbolismo é uma categoria religiosa universal”.<sup>50</sup> A dinâmica dos sinais religiosos é plural, como o sábado para os judeus, símbolo da lembrança e pertença ao povo eleito, o gesto da imersão na água no Ganges para os indianos como para os egípcios no Nilo, sinal da ligação com o divino.

A linha de reflexão deste escrito foi apontar que a liturgia cristã é o momento privilegiado do encontro entre Deus e o ser humano. A sabedoria desta celebração é eterna já que é a celebração do Mistério Pascal de Cristo, ápice do Amor de Deus. Assim, ela pode ser descrita como *teófora*<sup>51</sup>.

“É preciso reencantar as pessoas com o mistério pascal e mostrar-lhes que a salvação<sup>52</sup> é um projeto real no qual a liturgia desempenha um papel fundamental.”<sup>53</sup>

Este é o imenso desafio atual no contexto *líquido* moderno. Propiciar a “solidez” dos valores evangélicos vividos nas celebrações cristãs a um mundo individualista e pouco afeito à solidariedade e à abertura ao próximo. É apresentar um “Deus que é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio”.<sup>54</sup> E, mais que tudo, deixar acontecer o amor, que é “divino, porque vem de Deus e nos une a Deus e, através desse processo unificador, transforma-nos em um Nós, que supera nossas divisões e nos faz ser um só, até que no fim Deus seja “tudo em todos” (1 Cor 15,28)” (DCE 18).

<sup>46</sup> BOROPIO, Dionisio. *Celebrar para viver*. Liturgia e sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009, p. 112.

<sup>47</sup> BOROPIO, Dionisio. *Celebrar para viver*. Liturgia e sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009, p. 112.

<sup>48</sup> *Ibidem*.

<sup>49</sup> AUGÉ, Matias. *Liturgia - História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria. 2007, p. 96.

<sup>50</sup> ALDAZÁBAL, José. *Gestos e Símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 15.

<sup>51</sup> *Teófora* no sentido de ser portadora do amor de Deus, como Maria de Nazaré, que na visitação à sua prima Isabel levou o próprio Deus encarnado em seu ventre.

<sup>52</sup> Salvação em sentido amplo: a participação na vida em Deus que liberta, dá sentido, plenifica e engaja nos valores de seu Reino – a vivência da justiça, da fraternidade e do amor.

<sup>53</sup> COSTA, Valeriano Santos. *O amor de Deus*. Teologia da Redenção. São Paulo: Palavra e Prece, 2012, p. 68.

<sup>54</sup> Cf. Santo Agostinho, *Confissões* apud BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Loyola, Paulus, 2006, p. 25.



## BIBLIOGRAFIA

- ALDAZÁBAL, J. A *Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.  
\_\_\_\_\_. *Gestos e Símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.
- AUGÉ, Matias. *Liturgia - História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.  
\_\_\_\_\_. *Bauman sobre Bauman: Diálogos com Keith Tester*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.  
\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.  
\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BENTO XVI. *Caritas in Veritate*. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade.  
\_\_\_\_\_. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Loyola, Paulus, 2006.
- BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Clodovis. *O livro do sentido*. Volume I. Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014.
- BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver*. Liturgia e sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.
- COSTA, Jurandir Freire. A moral do prazer e o imaginário “consumista” contemporâneos. *Vida Pastoral*. São Paulo, n. 290, p. 25-34, 2013.
- COSTA, Valeriano Santos. *O amor de Deus*. Teologia da Redenção. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.
- DAHLER, E. *Festas e Símbolos*. Aparecida: Santuário, 1999.
- DOURLEY, John P. *A doença que somos nós*. A crítica de Jung ao cristianismo. São Paulo: Paulus, 2007.  
*Festas e celebrações cristãs*, São Paulo: Paulinas, 1981.
- GRÜN, Anselm. *Morar na casa do Amor*. São Paulo: Loyola, 2006.
- JEREMIAS, J. *Isto é o meu corpo*. São Paulo: Paulinas, 1972.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005.  
\_\_\_\_\_. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2005.
- SILVA, M. C. “A Espiritualidade da Mesa, da Refeição e da Festa. Uma realidade humana latente à Eucaristia”, *Convergência* 373 (2004).
- VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*. São Paulo: Paulinas, 2006.

Recebido em: 31/10/2017  
Aprovado em: 18/11/2017